



RED ESTRADO



EIXO 10: TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO TRABALHO E DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

PLATAFORMIZAÇÃO E NEOTECNICISMO NA REDE ESTADUAL PAULISTA: COMPREENSÕES A PARTIR DE NARRATIVAS DOCENTES

Luciana Haddad Ferreira

PUC-Campinas

haddad.nana@gmail.com

Andreza Barbosa

PUC-Campinas

andrezab27@gmail.com

André Queiroz de Lucena

Seduc

aqlucena@hotmail.com

Ana Caroline Franco

Seduc

carolin_franco@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho insere-se no eixo “Tecnologias digitais nas novas configurações do trabalho e da formação de professores” e tem como objetivo discutir as implicações da implementação de plataformas digitais no trabalho docente da rede pública de ensino do estado de São Paulo, tomando como material de estudo as narrativas de docentes que atuam nesta rede. Partimos do seguinte questionamento: o que professores da rede estadual paulista têm a dizer sobre a implementação dessas plataformas? A pergunta é pertinente não apenas por nos possibilitar conhecer uma perspectiva importante deste processo – a de quem vivencia seus efeitos cotidianamente - mas também por sabermos que, ao se tratar da elaboração de políticas públicas educacionais em nosso país, professores e professoras dificilmente são consultados ou ouvidos. A escolha metodológica foi pela pesquisa narrativa, entendendo que, ao tomarmos as experiências docentes como material interpretativo, é possível compreender como as políticas educacionais reverberam no cotidiano escolar. A análise parte do registro narrativo de dois docentes: um professor efetivo, com dezoito anos



de carreira na rede, e uma professora temporária, com cinco anos de atuação na mesma rede. Em seus registros, eles apresentam a experiência com o processo de plataformização e os impactos dessa política sobre o trabalho docente. As experiências relatadas são marcadas por sensações de angústia, instabilidade e assédio institucional, provocadas pela lógica de indicadores impostos pelas plataformas digitais. Em outras palavras, encontramos nas narrativas o registro de um projeto de educação fortemente marcado pelo neotecnicismo (Freitas, 2016, 2021) - uma outra apresentação do tecnicismo educacional, sustentada pela racionalidade gerencialista e pelo uso intensivo de tecnologias digitais. Como aponta o professor: “nunca a rede viveu tal angústia, instabilidade e assédio como ocorre nesses últimos tempos, no qual uma política do Business Intelligence (B.I.) força a Educação a adequar-se a uma natureza estranha e pouco transparente de indicadores e metas”. Concordando com o que é expresso no registro narrativo, percebemos o quão “antieducativa, cruel e agressiva” é essa política, ao desconsiderar os tempos e processos próprios da aprendizagem, as especificidades do trabalho docente e o caráter democrático da escola pública. A fala da professora também evidencia as contradições entre o discurso institucional e as práticas cotidianas nas escolas públicas sob a lógica da plataformização. Ela relata: “na minha escola, em reuniões gerais, costuma-se dizer que temos liberdade para seguir o material. Mas, a cada semana ou a cada 15 dias, me perguntam em que slide eu estou”. Tal relato escancara a falsa premissa da autonomia docente, frequentemente mantida apenas no plano do discurso. A constante vigilância sobre o cumprimento dos conteúdos definidos pelas plataformas compromete a liberdade pedagógica, princípio que deveria assegurar ao professor a possibilidade de organizar o tempo, os métodos e os materiais de acordo com as necessidades dos alunos e o projeto pedagógico da escola. Além disso, o uso de expressões como “você pode escolher” ou “não precisa seguir tudo” encobre formas sutis, mas não menos violentas, de coerção. Ao deixar implícita a obrigatoriedade de seguir as sequências predefinidas para garantir o êxito nos exames ou o alcance dos índices gerados pelas plataformas digitais, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso do trabalho passa a recair exclusivamente sobre a docente. Trata-se de uma forma de cobrança velada, que não apenas desconsidera as condições reais de trabalho, mas também intensifica a precarização do trabalho docente. À luz de estudos sobre as implicações do neotecnicismo na educação



RED ESTRADO



(Autoras, 2025; Frigotto, 2001; Laval, 2019; Saviani, 2013), observa-se que a plataformização imposta à rede estadual paulista não se resume ao uso de ferramentas digitais, mas compõe uma engrenagem que reforça o controle sobre o trabalho docente e a fragmentação das práticas pedagógicas. Em sua narrativa, o professor descreve um ambiente no qual “a liberdade leitora transforma-se em um exercício de virar páginas, sob monitoria e controle do tempo”, em que o foco das aulas se desloca do aprendizado significativo para o cumprimento de metas, sob ameaça constante de sanções. O adoecimento das escolas, descritas como “galpões produtores de índices”, revela o caráter desumanizante desse modelo. Ao tratarmos a narrativa como janela interpretativa, e não como caso isolado, sustentamos que a vivência do professor remonta a um processo mais amplo de reconfiguração do trabalho docente, no qual a suposta inovação tecnológica encobre a precarização. Como discutido em pesquisa anterior (Autoras, 2025), o neotecnicismo se apoia em uma retórica de modernização que desloca o debate educacional dos fins para os meios, colocando a técnica no centro do processo pedagógico. Trata-se, como alerta Saviani (2020), de um movimento que esvazia o sentido da educação como prática humanizadora, reduzindo-a à lógica performativa e ao discurso empresarial. A adoção de plataformas como estratégia hegemônica de gestão do ensino, mediada por algoritmos e metas, reflete a lógica da nova gestão pública (Hypolito, 2011), que subordina os processos educativos a modelos mercadológicos com desdobramentos concretos no cotidiano das escolas: equipamentos insuficientes, jornadas extenuantes, sobreposição de tarefas e pressão constante por resultados. Nesta direção, o estudo contribui para o debate sobre as novas formas de regulação e controle do trabalho docente, inseridas na racionalidade neoliberal e tecnocrática que orienta as políticas educacionais atuais. A partir da escuta atenta e do reconhecimento da experiência docente, buscamos tensionar os sentidos atribuídos à inovação e à digitalização na educação pública como instrumentos de controle do trabalho docente, reconhecendo a importância de práticas formativas que considerem a complexidade da escola como espaço de relações, saberes e resistências. A escuta dos professores nos revela que a plataformização, tal como vem sendo conduzida na rede estadual paulista, não configura um processo de aprimoramento pedagógico, mas a consolidação de um modelo que ignora os sujeitos e seus contextos em nome da eficiência e da mensuração de resultados e, como nos informa a Nota



Técnica produzida pelo Grupo Escola Pública e Democracia e pela Rede Escola Pública e Universidade (Gepud, Repu, 2025), nem mesmo com isso vem obtendo sucesso.

Palavras-chave: plataformização da educação; trabalho docente; narrativa pedagógica.

Referências

FREITAS, Luiz Carlos de. **Tecnicismo:** ele está de volta. Avaliação Educacional – Blog do Freitas, 26 ago. 2016. Disponível em:

<https://avaliacaoeducacional.com/2016/08/26/tecnicismo-ele-esta-de-volta/>. Acesso em: 10 out. 2024.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Neotecnicismo digital.** Avaliação Educacional – Blog do Freitas, 11 jul. 2021. Disponível em:

<https://avaliacaoeducacional.com/2021/07/11/neotecnicismo-digital/>. Acesso em: 10 out. 2024.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GRUPO ESCOLA PÚBLICA E DEMOCRACIA (GEPUD); REDE ESCOLA PÚBLICA E UNIVERSIDADE (REPU). **Plataformização e controle do trabalho escolar na rede estadual paulista [Nota Técnica].** São Paulo: Gepud / REPU, 03 jul. 2025. Disponível em: www.repu.com.br/notas-tecnicas; www.gepud.com.br/manifestacoes.html.

HYPOLITO, Álvaro Moreira. Reorganização gerencialista da escola e trabalho docente. **Educação:** Teoria e Prática, Rio Claro, v. 21, n. 38, p. 1-18, out./dez. 2011.

LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavírus e educação – o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**, Santarém, v. 10, e020063, 2020.